

**V ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DA SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

23 a 25 de Julho de 2017

**Grupo de Trabalho: GT - 02 PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E SITUAÇÕES
DE VIOLÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR E SEU ENTORNO SOCIAL**

**Título do Trabalho: O LINCHAMENTO, SUA IMAGEM E SEU PÚBLICO: A
ANCORAGEM DA VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
PÚBLICO DE NATAL - RN**

**WILLIAM BORGES DE OLIVEIRA FILHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é captar parte do que é a representação social do linchamento, mais especificamente no que tange a representação formada por estudantes do ensino médio público de Natal, Rio Grande do Norte. Na educação básica, a disciplina sociologia está inserida apenas no ensino médio, ou seja, é nessa etapa da educação que é oferecido elementos teóricos para que o estudante olhe para a sua realidade social por meio de ferramentas científicas elaboradas pelos mais diversos pensadores das ciências humanas, dos clássicos das ciências sociais Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim até autores mais atuais como Florestan Fernandes, Milton Santos dentre outros.

Um dos grandes desafios desse novo conhecimento a ser assimilado pelo aluno é a defrontação com o senso comum. A instituição família é a primeira a exercer um papel de coerção de valores no campo do simbólico e moral, simplificando para a criança mostrando para ela o que seria certo e errado, o que é bom e ruim, o bonito e feio etc. E as famílias brasileiras em grande medida são permeadas pelos valores das instituições religiosas, nas mais diversas vertentes do cristianismo que existem, que direcionam os tipos de valores a serem reproduzidos. Em outras palavras, o jovem que está na educação básica e na etapa do ensino médio, que em uma regra geral estão compreendidos na idade de 15 à 17 anos, apreendem um contato mais próximo com a instituição família e, de forma secundária, com a instituição religiosa, duas das instituições sociais que tem influência no âmbito privado.

E qual seria essa realidade que o estudante tem para observar?

Depois da redemocratização do Brasil, depois do processo constituinte de 1987 e 1988 e a outorgação da constituição cidadã, muitos avanços podem ser observados no país. A estabilização da moeda nacional com o plano real, que surge substituindo moedas anteriores com alto índices inflacionários em média na primeira metade da década de 1990. O posicionamento do país entre os países emergentes e no grupo das 20 maiores economias do mundo (G20). Ocupamos o conselho de segurança da ONU por vários anos. Nesse mesmo período o consumo de mercadorias eletrônicas e o acesso a internet aumento consideravelmente.

Entretanto, esses avanços que permeiam as grandes análises em nada contribuiu para que um fato que beira a barbárie e que vai de encontro aos direitos humanos tenha, exatamente nesse período, crescido exponencialmente: o linchamento.

Nessa segunda década do século XXI há uma elevadíssima média de linchamento no Brasil. Muitas pessoas participam de dessa forma de justicamento, desde a vítima até as inúmeras pessoas que estão praticando a violência. A polícia também é um dos personagens frequentes do linchamentos (responsáveis por 90% dos salvamentos). Existem também os jornalistas, o jornal é a principal fonte de pesquisa sobre os linchamentos, apesar dos obstáculos de tratar sociologicamente com os dados coletados dessa maneira (MARTINS, 2015). Além disso tem pessoas que apenas observam e outras que, diante da popularização dos celulares com câmeras digitais, fazem registros com vídeos para posterior ou instantânea divulgação pelos meios digitais. Existem fanpages nas redes sociais dedicadas exclusivamente para esses fins.

É bem fácil observar o quanto os vídeos de linchamentos são disseminados nas redes sociais e na televisão, principalmente nesses programas policiais que frequentemente são exibidos ao meio dia. Geralmente acompanhado de discursos de ódio direcionado a vítima ou as pessoas que estão executando o justicamento, mas também a compaixão pela vítima. Mesmo diante da banalização da violência, da frieza dos profissionais envolvidos (policiais, jornalistas, peritos etc) e pessoas que apenas presenciam tais atos, estamos diante de um fato que mexe com os sentimentos das pessoas. Sem dúvida estamos diante de uma maneira coletiva de agir pensar e sentir. Os dados também mostram a generalidade do fato, sendo assim também um fato exterior.

E não existem ações que não sejam permeadas por representações, pois “O homem não pode viver em meio às coisas sem formar a respeito delas ideias, de acordo com as quais regula sua conduta” (DURKHEIM, 2007 p.15). Essas que atravessam as mentes das pessoas são construídas e reconstruídas no cotidiano de um lado pelo poder que as instituições sociais exercem sobre os indivíduos e por outro pela criatividade dos mesmos. Nesse cenário, permeado pelo linguagem, emergem representações que os indivíduos fazem uso tanto para entender o mundo

quanto a si próprio e ambas as perspectivas funcionam como norteadoras de ações individuais.

Por meio da Teoria das Representações Sociais, inaugurada pelo romeno Serge Moscovici, e também fazendo uso das elaborações sobre o poder simbólico de Pierre Bourdieu analisaremos os elementos retirado das falas dos estudantes de ensino médio público de Natal que frequentam os cursinhos populares oferecidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2 METODOLOGIA

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte oferece à sociedade um programa e um cursinho preparatório para pessoas que pretendem prestar o Exame Nacional do Ensino Médio. O primeiro se chama Programa Complementar de Estudos do Ensino Médio (PROCEEM), é um programa vinculado à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) que seleciona estudantes das licenciaturas para serem bolsistas ministrantes. Para ser estudante do programa é necessário que o mesmo tenha estudado integralmente a educação básica no ensino público e que tenha a baixa renda comprovada. No ano de 2017 a coordenação decidiu que estudantes que estão cursando ou que cursaram o ensino médio nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte(IFRN) não seriam aceitos no programa por entender que esses estudantes possuem um preparo diferenciado para o ENEM e que, portanto, o programa deveria atender outro público. São quatro turmas no período da manhã, quatro no período da tarde e duas no turno noturno, todas com quarenta estudantes cada. Mesmo com a evasão que ocorre ao longo do ano são ofertadas cerca de quatrocentas vagas gratuitas, o valor que os ministrantes recebem é em forma de bolsa dada pela universidade.

O Segundo é o Cursinho do DCE. A princípio era um cursinho vinculado ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFRN, entretanto com o tempo aconteceu um distanciamento e hoje trata-se de uma empresa júnior que atua dentro da universidade. É um cursinho popular, os ministrantes também são estudantes de licenciatura e os alunos também são estudantes provenientes de escolas públicas de Natal. O valor que os ministrantes recebem provém da mensalidade que os estudantes pagam e igualmente são destinadas cerca de quatrocentas vagas para a comunidade nos três turnos e aulas nos finais de semana.

Dito isso, é fácil notar esses cerca de oitocentos estudantes, todos de escolas públicas, circulando pelos corredores da universidade.

Essa pesquisa faz parte de um projeto bem maior, onde será pretendido o máximo de aproximação possível do que seria a representação social do linchamento por meio de coleta de informações entrevistando jornalistas, policiais,

políticos legisladores, membros de movimentos sociais, profissionais da educação (professores e gestores de escolas) e até pessoas que não estão institucionalmente envolvidas com os julgamentos, incluindo as redes sociais, ou seja, o entorno social do linchamento. Entretanto, para esse projeto subordinado, optamos por utilizar a técnica de grupo focal com estudantes desses dois cursinhos como exclusiva ferramenta de coleta de dados. Uma vez que a utilização dessa vem crescendo nas pesquisas sociais, pois trata-se de uma modificação dos trabalhos em grupo fortemente utilizada na psicologia social (GATTI, 2005). Nada mais justo, pois “a Teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica da psicologia social” (Farr, 1995. p 31), em outras palavras, a teoria das representações sociais perpassa uma área de encruzilhada entre as ciências sociais e a psicologia social.

Sobre a escolha dos estudantes

Privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios - conforme o problema estudado -, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas. (GATTI, 2005, p. 7)

Os grupos focais foram formados com grupos entre 5 e 8 estudantes em forma de círculo para a conversa. A orientação geral é que os grupos focais tenham no mínimo uma hora e meia e que não ultrapassem três horas. É de fundamental importância que o grupo esteja aberto para a discussão e que eles estejam organizados de maneira confortável. Em relação ao conforto foram utilizadas as salas de aula nos quais eles estavam acostumados a assistir às aulas diariamente, mas em relação ao tempo foi sempre um desafio para a pesquisa. Tanto os estudantes da manhã quanto os da tarde não tinham muita disponibilidade de tempo pois tinham que pegar os seus respectivos ônibus saindo da universidade para os seus lares ou trabalho. Não foi possível a utilização da técnica com os estudantes

do turno noturno. igualmente não foi possível ir muito além de meia hora na grande maioria dos casos. Mesmo assim foi possível coletar os dados necessários para a pesquisa devido aos vários encontros.

Diante do pouco tempo que foi possível para a realização da atividade, a condução dos grupos foi dividida em duas etapas. No primeiro momento falamos das brincadeiras de infância que eles eventualmente participaram. Nesse momento a condução do grupo foi sendo direcionado para as brincadeiras de cunho violento, foi pedido para eles descreverem as normas de funcionamento de algumas delas, adiante será destacado algumas dessas brincadeiras. O segundo momento foi dedicado aos linchamentos propriamente dito. Depois de explicar o que é um linchamento perguntamos se eles tinham presenciado algum, seja de forma virtual ou na vida real. Para a nossa surpresa todos, sem exceção tinham assistido a algum nas redes sociais e apenas dois estudantes tinham visto ao vivo. Optamos por realizar os grupos focais apenas com meninos por entender que estes, de maneira geral, tem uma construção social mais voltada para o meio público, diferentemente das meninas que desde pequenas são ensinadas a cuidar dos lares.

3 ANCORANDO A VIOLÊNCIA

Faz parte das nossa hipótese geral o fato de as brincadeiras de infância terem papel fundamental na ancoragem da violência e conseqüentemente dos linchamentos. Não se trata de uma relação obrigatório ou necessária, mas é nas brincadeiras de infância que o mundo simbólico é também construído e reconstruído, assim como as relações de poderes e os papéis sociais de cada sujeito. A seguir descreveremos algumas das brincadeiras juvenis que foram levantadas nos grupos focais. Escolhemos essas pela frequência de aparição nos grupos focais e a proximidade com atos de violência.

3.1 CUZCUZINHO

A brincadeira é bem simples mas que ao ser analisada no campo de simbólico é possível observar a sua complexidade. É uma brincadeira em que participam muitas crianças, geralmente mais de cinco, mas que não chega a ter muito mais de dez. As crianças pegam um graveto, um pedaço pequeno de madeira, e fazem um morro de areia no chão, algo entre dez e vinte centímetros de altura. Esse morro de areia no chão é semelhante o que é feito para pôr a bola na hora do saque com o pés no futevôlei. Então o graveto, que tem em média vinte centímetros é enfiado no topo do morro. Em seguida as pessoas que estão brincando, uma de cada vez, são obrigadas a, com a mão, tirando um pouco da areia que é a base de sustentação do graveto que está enfiado na vertical no topo do morro. A medida que as pessoas, geralmente crianças, vão tirando a areia que compõe a base, em algum momento o graveto vai cair.

Existe também na brincadeira um ponto, um local, muitos metros distante do local onde o graveto está enfiado no chão, geralmente chamado de mancha. Esse local serve como ponto de salvamento. A pessoa que foi última responsável por fazer o graveto cair tem que correr o mais rápido que puder até a mancha para se salvar. Mas se salvar de que? se salvar de todas as pessoas que estão brincando que passam a estar autorizadas a espancar, bater, na pessoa que derrubou o graveto. Além das agressões físicas que a pessoa que derrubou o graveto sobre, existe também muito gritos em seu desfavor no sentido de humilhação.

3.2 CASTANHA/SOCIAL

Essa é mais simples ainda. As pessoas decidem previamente quem são as pessoas que vão participar da brincadeira e os locais onde ela vai acontecer. É uma brincadeira que não tem hora nem local marcado para acontecer. Consiste em simplesmente sempre que alguém sentar, seja em uma cadeira, em um banco ou no chão, ela tem que falar a palavra “social”, entre alguns estudantes a palavra era “castanha”, caso contrário as pessoas que estão participando tem o direito de bater na pessoa que sentou até ela falar a palavra de salvamento.

3.3 PASSOU LEVOU

Essa brincadeira acontece dentro do jogo de futebol, no caso de futebol de salão que é o mais praticado entre os jovens que participaram dos grupos focais. Sempre que alguém que está jogando consegue passar a bola por entre as pernas do outro e conseguir pegar a bola do outro lado, a pessoa que sofreu o drible sofre a violência física dos demais que estão jogando. Isso faz com que muitos que não se sentem com um certo nível de jogo terem medo de jogar.

É importante observar as semelhanças que essas brincadeiras têm com o linchamento. Ambas acontecem em ambientes de céu aberto, o fato de ser todos contra um, a violência física e simbólica. Essas brincadeiras tidas como inocentes e pueris possuem uma grande semelhança com os linchamentos e, fazendo parte de inconsciente dos alunos, ajudam a ancorar a idéia do linchamento.

3.4 “MAS ELES SÃO BANDIDOS”

Não é objeto deste trabalho afirmar que tais brincadeiras são as responsáveis pela legitimação dos linchamentos, muitas pessoas podem nunca terem participado delas e serem de acordo com os linchamentos diante da sensação de insegurança, impunidade e ausência de Estado. Outra questão é que os linchamentos ocorrem no Brasil inteiro e a muito tempo, os primeiros registros desse tipo de justicamento datam da época da colônia, no século XVI, e hoje o nosso país é um dos que mais acontece linchamentos no mundo(MARTINS, 2015).

Entretanto é possível afirmar diante das informações coletadas que tais brincadeiras contribuem para a ancoragem, entre esses estudantes de ensino médio público de Natal dentro da amplitude da pesquisa, da punição violenta para pessoas que possivelmente tenham cometido delitos. O que era um fato simples que legitima as outras crianças a agredir é substituído por um grande fato, o delito, que igualmente referenda as pessoas a punir fisicamente o suspeito. É criado assim a imagem no bandido como núcleo representacional que o pensamento classificatório enquadra. A imagem é substituída por sua contrapartida material, nesse caso na forma da violência, naturalizando-a.

O núcleo da representação social estando naturalizado é preciso ainda definir as condutas individuais e classifica-las de maneira que estejam de acordo com esse núcleo. Esse é o papel do pensamento classificatório que completa o quadro das instâncias maiores do psiquismo, além de indicar quais estão presentes e aquelas que deveriam ou não figurar no lugar em que figuram.(MOSCOVICI, 2012, p. 118)

Em se tratando da ordem simbólica e o poder de nomeação, existe todo um embate de categoria subjetiva pela nomeação que vai de uma extremidade de significados até a outra. A primeira extremidade é a que se aproxima do insulto, quando uma pessoa classifica, nomeia, a outra de alguma forma que quando tem um coletivo a seu favor se torna mais forte ainda, pois parte do poder do consenso e dessa forma entra de maneira mais estruturada no senso comum, e a ameaça do direito de resposta fica mais difícil de acontecer. O outro extremo é a nomeação oficial, que acontece por meio de um representado do Estado, que além do capital simbólico próprio ainda vem do detentor do monopólio da violência simbólica legítima conforme Bourdieu (1989, p. 146).

O título do presente tópico, “mas eles são bandidos”, apareceu várias vezes ao longo dos grupos focais como forma de legitimar os linchamentos sempre que era falado de direitos humanos ou quando alguém se manifestava contra a violência física optando pelo posicionamento de justiça pelos meios legais. Classificar a vítima do linchamento como bandido vai de um extremo ao outro na linha do pensamento de Bourdieu, pois além de ser um insulto ainda é utilizado simbolicamente o poder das leis do Estado para o fim. Com esse núcleo da representação social formado, e naturalizado, as pessoas passam a normalizar as ações violentas acobertadas pela classificação “bandido”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos levantar informações sobre a violência no entorno social da escola, mas especificamente no que se refere a representação dos

linchamentos por parte de estudantes do ensino médio público de Natal, Rio Grande do Norte. A metodologia utilizada foi a do grupo focal, uma técnica largamente utilizada nos trabalhos qualitativos da pesquisa social e em grupo. Foi descrito algumas brincadeiras de infância que foram comuns aos jovens que participaram da pesquisa e a sua ancoragem diante do linchamento. Foi feito também o uso da Teoria das Representações Sociais para o tratamentos das informações coletadas.

5 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difusão Editorial, 1989.

DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

FARR, Robert. Representações Sociais: a teoria e sua história. *In: Textos em representações sociais*. Org.: Pedrinho A. Guareschi e Sandra Jovchelovitch. Petrópolis: Vozes, 1995.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012